

ALMAS DILACERADAS



AIDA DE SOUZA

Poetisa norte-rio-grandense, prematuramente desencarnada em 1901, com 25 annos. Talento promissor, lyra suavissima, não lhe conhecemos *Horto*, editado em

Paris em 1910. Sabemos, contudo, que foi um espirito soffredor, melancolico, de sensibilidade delicadissima, qual se evidencia agora nestas produções.

Quando, em dores, na Terra, inda vivia,
Caminhando em asperas estradas,
Via presas do pranto e da agonia,
Almas feridas e dilaceradas.

Escutava a miséria que gemia
Dentro da noite de ancias torturadas,
Treva espessa da senda tão sombria
Das creaturas desesperançadas.

E eu que era irmã dos grandes soffredores,
Soffria. Credo, que taes amargores
Eneontrariam termos desejados.

E, confiada na crença que tivera,
Cheguei á luz, da eterna primavera,
Onde ha paz para os pobres desgraçados.

Aquelle que soffria;
 Desprezavas o fraco e nunca amaste
 Quem de ti carecia!
 A caridade
 O sentimento-luz, a flor-thesouro
 Não tiveste em teus dias de maldade
 No grande sorvedouro!
 Porém, o Deus de Amor,
 E' sempre o magnanimo Senhor,
 E permite que voltes aos humanos,
 Para que se dissipem teus enganos
 No amargor;
 Voltarás.
 Porém, já não etrás
 Ephemerias venturas,
 Serás agora o escravo e não senhor;
 Conhecerás
 As dôres e amarguras,
 As maguas escabrosas
 Pelas estradas rudes e espinhosas!

Abençoá o Senhor
 Que te concede a dor,
 Para assim comprehenderes
 Que os reaes e legitimos prazeres
 Que da vida nos vêm,
 Não residem no Mal e sim no Bem."

CONTRASTES

AUTA DE SOUZA.

Existe tanta dor desconhecida
 Ferindo as almas pelo mundo em fóra,
 Tanto amargor de espirito que chora
 Em cansaços nas lutas pela vida;

E ha tambem os reflexos da aurora
 De ventura que torna a alma florida,
 A alegria fulgente e estremecida
 Aurcolada de luz confortadora.

Ha, porém, tanta dor em demasia,
 Sobrepujando instantes de alegria,
 Tanto desanimo e tantas desventuras,

Que aquelle que envenena-se no goso,
 Deve fugir das horas de repouso
 Minorando as alheias amarguras.

MAGOA

AUTA DE SOUZA.

Muitas vezes sonhei na Terra ingrata
O paraíso doce da ventura,
Vendo somente o espinho da amargura
Que as nossas tristes lágrimas desata;

Somente a dor intermina que mata
A alegria mais lucida e mais pura,
O veneno da acerba desventura
Que fere em nós a aspiração mais grata.

Se apenas vi, porém, a magoa intensa
Que rouba a luz, o amor, a paz e a crença
É' que a dor da minh'alma em tudo eu via.

E augmentava minha íntima tristêza
Vendo em tudo, na própria natureza,
A mesma dor que eu tanto padecia.

HEROES

CRUZ E SOUZA.

Esses seres que passam pelas dores
A's gehennas do pranto acorrentados,
Alluviões de peitos soffredores
No turbilhão dos grandes desgraçados.

Corações a sangrar, ermos de amores,
Revestidos de aculeos acerados,
Nutrindo a luz dos sonhos superiores
Nos ideaes maiores esfaimados;

Esses pobres que o mundo considera
Os humanos farrapos dos vencidos,
Prisioneiros da angustia e da chimera

São os heroes das lutas torturantes,
Que são, sendo na Terra, os esquecidos,
Coroados nas Luzes Deslumbrantes!

HORA EXTREMA

AUTA DE SOUZA.

Quando exhalei meus ultimos alentos
Neste mundo de maguas e de dores,
Senti meu ser fugindo aos amargores
Dos meus dias tristonhos e nevoentos.

A tortura dos ultimos momentos
Era o fim dos meus sonhos promissores,
Do meu viver sem luz, sem paz, sem flores,
Que se extinguia em átros soffrimentos.

Senti, porém, minh'alma soffredora,
Mergulhada nas brisas de uma aurora
Sem as sombras da dor e da agonia...

Então parti, serena e jubilosa,
Em demanda da estrada esplendorosa
Que nos conduz ás plagas da harmonia!

NA ESTRADA DE DAMASCO

JOÃO DE DEUS.

Num certo dia
A Ambição
De parceria
Com o Orgulho
Chamou o homem
Jactancioso
E tão cioso
Do seu poder
E vão saber
E lhe disseram: —

"Homem, tu és,
Senhor potente
Grande e valente
Aqui no mundo!
E se quizeres
Tornar-te um rei
Da immensa grei
Da criação,
E' só viveres
A procurar
Mais dominar
Os elementos
A transudár
Nos sentimentos.

Maior coragem,
Para ganhares,
Sempre vantagem
No teu viver
E conquistares
Sempre o poder
Dos triumphantes.
Aos semelhantes
Em vez de ama-los
Taes como irmãos
Faze-os vassallos
No teu reinado
Glorificado
De gran-senhor!"

E o peccador,
Ser imperfecto,
Se achasse embora,
A seu agrado
Bem satisfeito
Foi sem demora
Então chamado
Por um juiz
De rectidão,
Que é a consciencia!

EM PAZ

AUTA DE SOUZA.

Tanto roguei a paz consoladora,
Durante os meus amargos soffrimentos,
Elevando a Jesus meus pensamentos
Que recebi a paz confortadora!...

Sentindo-me feliz, ditosa agora,
Nessa paragens de deslumbramentos,
Onde terminam todos os tormentos
Que inundam de amargor a alma que chora;

Jesus! doce Jesus meigo e bondoso,
Eu agradeço a paz que concedestes
Ao meu viver tristonho e doloroso.

E desse lindo oasis encantado,
Canto de luz dos paramos celestes
Bemdigo o vosso amor ilimitado!

ANALYSE

AUGUSTO DOS ANJOS.

O' que desdita extranha a de nascermos
Nas sombras melancolicas dos ermos,
Dos recantos dos mundos inferiores,
Onde a luz é penumbra tenue e vaga
Que sem vigor, fraquissima, se apaga
Ao furacão indomito das dores.

Voracidade onde a alma se mergulha,
Apoucado Narciso que se orgulha
Na profundeza ignota dos abysmos
Da carne que, estrambotica, apodrece,
Que atrophiada, hypertrophica parece
Cataclysmo dos grandes cataclysmos.

Agrilhoarmo-nos ao fogo dos instinctos,
Serpentes entre escerofulas e helminthos
Na hediondez dos morbidos sensualismos.
Tendo a alma, centelha, luz e chamma,
Amalgamada em pantanos de lama,
Em sexualidades e hysterismos.

Misturarmos clarões de sentimentos
Entre visceras, nervos, tegumentos,
Na aggregação da carne e dos humores,

EM EXTASE

AUTA DE SOUZA.

Aos teus pés, meu Jesus, a vida inteira,
Abrasada de amor eu viveria,
Sorvendo a luz no calix da harmonia
Em paz serena, eterna e derradeira!...
Por teu amor, Jesus, inda quizera
Volver ao pó da carne dos mortaes,
Para cantar a terna primavera
Do teu amor nas lutas terrenaes.
Depois da treva espessa da amargura
Para exaltar as luzes que me deste
Na cariciosa e doce paz celeste,
Meu thesouro de fulgida ventura.
Para dizer tua bondade immensa
Aos meus irmãos, os homens peccadores,
Mergulhados na noite da desrenga
Nos abysmos dos males e das dores.
Para falar a todas as creaturas
Da tua alma esplendente de bondade,
Afastando as amargas desventuras
Do coração da pobre humanidade.
Aos teus pés, meu Jesus, a vida inteira,
Abrasada de amor eu viveria,
Sorvendo a luz no calix da harmonia
Em paz serena, eterna e derradeira!...

EVOLUÇÃO

AUGUSTO DOS ANJOS.

Se devassassemos os labirintos
Dos eternos principios embryonarios.
A cadeia de impulsos e de instinetos
Rudimentos dos seres planetarios:
Tudo o que a poeira cosmica elabora
Em sua actividade interminavel,
O anseio da vida, a onda sonora
Que percorrem o espago immensuravel;
Veriamos o evoluir dos elementos,
Das origens ás subitas ascenses,
Transformando-se em luz, em sentimentos
No assombroso prodigio das estheses.
No profundo silencio dos inermes
Inferiores e rudimentares,
Nos rochedos, nas plantas e nos vermes,
A mesma luz dos corpos estellares.
E' que dos invisiveis microcosmos,
Ao monolitho enorme das idades,
Tudo é clarão da evolução do cosmos,
Immensidades nas immensidades.
Nós já fomos os germens de outras eras
Enjaulados no carcere das lutas,
Viemos do principio das moneras
Baseando as perfeições absolutas.